

MUSEUS E MEMORIAIS EM (DIS)CURSO PARA ALÉM DA HISTÓRIA E DO PATRIMÔNIO

1

MUSEUMS AND MEMORIALS IN (DIS)COURSE BEYOND HISTORY AND HERITAGE

VENTURINI, Maria Cleci

Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Santa Maria

Docente na UNICENTRO / UFPR

Estágio sênior na Universidade de Coimbra

E-mail: mariacleciventurini@gmail.com

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-5576-2745>

RESUMO

Com o objetivo de questionar a evidência de que os museus ‘guardam’ memórias fincadas em um passado estagnado e saturado, impossibilitando mudanças e transformações, apresentamos reflexões teóricas em torno do Museu do Holocausto e da proposta voltada para o ensino e para defesa da memória, em particular do enunciado “sempre vamos lembrar”. A partir de uma ancoragem na teoria materialista do discurso, recortamos as noções corpo-memória e corpo-documento, as quais permitem considerar o efeito de legitimação sobre os espaços museais e memoriais, bem como sustentar que esses espaços estão além da história e do patrimônio.

Palavras-chave: Museus, Memória, História, Patrimônio.

ABSTRACT

In order to question the evidence that museums ‘keep’ memories stuck in a stagnant and saturated past, making impossible changes and transformations, we present theoretical reflections around the Holocaust Museum and the proposal focused on teaching and defense of memory, in particular the statement “we will always remember”. From an anchorage in the materialistic theory of discourse, we cut out the notions body-memory and body-document, which allow us to consider the legitimation effect on museum and memorial spaces, as well as to maintain that these spaces are beyond history and heritage.

Keywords: Museums, Memory, History, Heritage.

INTRODUZINDO QUESTÕES...

[...] o próprio do presente – como o do real – é de subtrair sem cessar àqueles que tomaram seu partido. Também deve ser ele sempre reconquistado sobre o passado e o futuro, estabelecido pela crítica incessante do passado que se repete fora da estação e do futuro indevidamente antecipada. (RANCIÈRE, 1994, p. 40)

Colocamos no centro de nossas reflexões museus e memoriais como objetos discursivos que significam ‘para além’ da história e do patrimônio, analisando-os pelos pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso. Para sustentar nossas posições empreendemos discussões e movimentos analíticos que possibilitem colocar em suspenso efeitos de evidência constitutivos de discursos que circulam na formação social em torno desses espaços de memória. Um dos mais significativos e urgentes efeitos a desfazer é o de que os museus ‘guardam’ memórias fincadas em um passado estagnado e saturado, impossibilitando mudanças e transformações.

Os espaços museais e memoriais deslocam e transformam memórias, discursos e saberes e, por que não dizer, também poderes. Como já demonstramos (VENTURINI, 2020, p. 24), só existe museu quando há sustentação histórica e simbólica, quando os sujeitos constroem interesses comuns “que se inscrevam na história ou no simbólico e trabalhem para a construção de uma narratividade que ‘sustente’, ‘legitime e, mais do que isso, ‘emocione’ os sujeitos de uma formação social”.

Destacamos, por esse posicionamento, que museus e memoriais em (dis)curso estão para além da história e do patrimônio, e sustentamos essa tomada de posição a partir de Rancière (1994, p. 40), que dá visibilidade ao funcionamento das temporalidades, sublinhando as recorrências que instauram efeitos de que o tempo presente ‘compromete-se’ com o passado e com o futuro. Por esse comprometimento é possível dizer que o tempo pretérito é analisado/criticado/repetido e antecipa o futuro, significando-o como um compromisso que não é obrigatório e se inscreve como não-ditos, ressoando discursivamente como memória.

Introduzimos as questões que nos movem, priorizando a palavra (dis)curso, com vistas a justificar/explicitar a possibilidade de discursivizar museus e memoriais, considerando os saberes e os dizeres inscritos no movimento decorrente do prefixo (DIS), que junto com a palavra ‘curso’

instaura efeitos de movimento e de percurso. O (DIS) ‘mexe’, movimentando as repetibilidades constitutivas de redes de memória, transformando/alterando, podendo reproduzir, mas não saturar e nem promover a identificação plena. Dizemos que museus e memoriais se constituem em (dis)curso pelo trabalho da língua na história, movimentando-se por sujeitos locutores e interlocutores, interpelados pela ideologia e atravessados pelo inconsciente. É assim que, como nos ensinam Pêcheux (1997a) e Orlandi (1999), os sentidos sempre podem ser outros, e os museus e memoriais vão além da história e do patrimônio, devido ao movimento que atinge os sujeitos e suas práticas.

As questões que nos impulsionam em torno de museus e de memoriais são: 1) como os espaços museológicos e memoriais ligados à história, à memória e ao patrimônio se constituem em (dis)curso e como ocorre a perturbação/movimento do que já está significado, abrindo para a interpretação? 2) Como analisar textualidades museológicas e memoriais - inscritas na museologia e filiadas aos seus pressupostos – pela teoria materialista, constituindo efeitos de abertura e de pluralidade pelas noções corpo-memória e corpo-documento? Além dessas questões e a partir do que deixamos em suspenso interessa saber mais sobre as redes de memória que fazem do museu um lugar além da história e do patrimônio social/histórico e, também, como se constituem essas redes de memória que estruturam o museu como uma materialidade em (dis)curso. Realizamos reflexões teóricas, considerando o Museu do Holocausto e a proposta voltada para o ensino e para defesa da memória, pelo enunciado “sempre vamos lembrar”.

Empreendemos os esforços para responder às questões propostas e desfazer possíveis equívocos e focalizamos o (dis)curso, referindo aos efeitos de sentidos que se constituem a partir de sujeitos - locutores e interlocutores - como uma forma de transformar espaços museológicos e memoriais em objeto discursivo na produção do conhecimento. Para dar conta desse funcionamento, recortamos as noções corpo-memória e corpo-documento¹, instaurando efeito de legitimação sobre esses espaços. Sublinhamos, então, que o corpo discursivo se estrutura pela memória e pelo documento, fazendo com que saberes e poderes circulem na formação social. Essas noções contribuem para sustentar que museus e memoriais estão além da história e do patrimônio, e esse ‘além’ ocorre pelo corpo duplamente constituído pela memória e pelo

¹ O corpo-memória, conforme Venturini (2017, p. 59), presentifica o ‘ausente’ pelo corpo-documento, inscrito na história, mas ressignificado no discurso, instituindo efeitos de realidade.

documento, demandando a interpretação, a partir de sujeitos filiados a ideologias e atravessados pelo inconsciente e significados pelo corpo que é memória e é documento.

1. ASSUMINDO POSIÇÕES, INSTAURANDO EFEITOS

As palavras iniciais pelas quais introduzimos questões sobre museus e memoriais dão visibilidade ao incômodo lugar ocupado pelo analista de discurso, como sujeito interpelado pela ideologia e atravessado pelo inconsciente, como nos ensina Pêcheux (1997). Estar no lugar do 'incomodado' resulta na escritura de textos que encaminham para discursos *sobre*² museus, *sobre* memórias e *sobre* os conhecimentos que circulam na formação social e significam esses espaços como lugares em que corpos, nomes, acontecimentos e objetos inscrevem-se em tempos de longa duração ou a tempos mais próximos e que chamamos de presente, como memórias saturadas, prenes de sentidos já postos.

Retomamos, de início, a definição de discurso, proposta por Pêcheux (1997a, p. 82), em que os interlocutores são representados pelos pontos A e B, e o discurso, segundo o fundador da Análise de Discurso em sua tese de doutoramento, não é, necessariamente a transmissão de informação entre A e B, mas um 'efeito de sentidos' entre os pontos A e B". O discurso é formulado a partir de determinadas condições de produção e de sujeitos que assumem posições-sujeito e ocupam lugares na formação social, sendo que esses lugares "estão representados nos processos discursivos que são colocados em jogo" (PÊCHEUX, 1997a, p. 82).

Vale destacar, ainda, que nessas posições-sujeito funcionam uma série de formações imaginárias atribuídas aos sujeitos a eles mesmos e ao outro, afetando a imagem que eles se fazem do próprio lugar e do lugar do outro. Há, conforme Pêcheux (1997a), em toda a formação social, mecanismos que determinam essas projeções imaginárias. Dentre esses mecanismos, Orlandi (1999, p. 35) destaca a antecipação, como a capacidade de o sujeito colocar-se no lugar do outro e "escutar" o que ele diz, e a partir dessa escuta redirecionar o seu dizer. Essa é uma das razões para 'poder dizer' que o museu está ALÉM da história e do patrimônio, desfazendo a saturação de discursos e de memórias, seja em museus, memoriais ou arquivos.

² No sentido dado por Mariani (1998), o discurso sobre pedagogiza os museus, tomando-os como objeto de que se fala. Nesse caso, não como uma atualidade que se sustenta em um discurso *de* (memória), da memória, conforme Venturini (2009, 2014).

O estar 'além' da história e do patrimônio passa pela organização de arquivos a partir de sujeitos e de formações imaginárias pelas quais a presente proposta, centrada no fato de que museus e espaços memoriais constituem-se no/pelo acontecimento, no/por sujeitos e no/por objetos históricos, constitui efeitos e pertinência. Na formação social, entretanto, circulam discursos constituídos por evidências de que museus e memoriais comportam memórias saturadas, fechadas que fazem parte de histórias já escrita, já significada, tendo em vista a relação com o passado. Como sujeitos inscritos e ancorados na teoria materialista, sinalizamos que não estamos falando de espaços no sentido literal, mas de textualidades do tempo presente, inscritas em lugares, concebidos como 'de memória'. Nos lugares de memória, apesar de ressoar o já-vivido, não há como apagar as ancoragens históricas, os esquecimentos, os silenciamentos e muito fortemente a inscrição e a circulação de saberes que façam sentido na formação social.

Dizer discurso ou (dis)curso demanda explicitação/delimitação, o que ocorre pela realização de gestos interpretativos legitimadores da definição de Museu e de memoriais que nos interpela e nos faz interpretá-los, buscando saber o modo como eles se dizem/se mostram/se discursivizam. Nesse movimento, ressoa como não-dito o adjetivo restritivo 'museológico', constituído por acontecimentos já significados ou que esperam por significação a partir de memórias textualizadas por práticas e por temporalidades, tal como referido por Ranciére (1994). É assim que, esses acontecimentos temporalizados, quando discursivizados podem criticar/referendar ou transformar o que ressoa do passado, considerando a passagem pelo tempo presente que encaminha para o futuro. Trata-se de compreender os acontecimentos em tempos tridimensionais, tal como é tratado por Catroga (2009), quando enfoca os 'restolhos' do tempo, que se constituem pela metáfora 'os passos do homem'.

É preciso dizer que museus e memoriais em (dis)curso instauram implicações na definição e no funcionamento de redes de memória em torno desses espaços e do patrimônio que os estrutura e faz deles lugares em que memórias e discursos movimentam-se e abrem-se à interpretação a partir de gestos interpretativos e de questões que recortam análises e pesquisas. Apesar de, como pesquisadores, já termos referido/escrito/publicado textos centrados em museus, em memoriais e na produção do conhecimento em (dis)curso, notadamente em Venturini (2017,

2020, 2021)³ ainda não havíamos explicitado a razão de mobilizar as implicações que resultam da palavra em movimento, considerando-se, conforme Orlandi (1999), que as palavras não são indiferentes aos sentidos. Trata-se de uma tomada de posição, que demanda explicitação/delimitação, visando à realização de gestos interpretativos legitimadores da definição de Museu e de memoriais que nos interpelam e nos fazem concebê-los em (dis)curso, em um movimento que perturba e encaminha para muitas direções.

Voltamo-nos, então, ao prefixo DIS, considerando que como prefixo latino, de acordo com o dicionário Priberam (<https://dicionario.priberam.org/dis->), esse prefixo pode indicar separação, diminuição, semelhança, entre outras significações. Já como prefixo grego, traz entre seus possíveis sentidos a perturbação, o movimento, encaminhando para diferentes direções. Esses são os efeitos que nos interessam em relação a museus e a memoriais. Vale (2020, p. 111), em sua tese de doutorado, assevera que o DIS assume “o significado de movimento em várias direções, o que permite defender o – DIS - como dispersão de diversidade de movimentos”, dando como exemplo a palavra *disseminar* com a indicação de “movimento” em várias direções. A partir desses autores, mobilizamos junto a esse prefixo a palavra *curso* como uma direção a partir de um caminho, no discurso, constituindo um efeito de trajeto de leitura, sem esquecimentos ou apagamentos.

Tomamos a relação metafórica⁴ entre o curso (parte da palavra discurso) com o leito de um rio, que tem um ‘curso’, uma direção, mas pode vazar, espalhando-se, e esse ‘vazamento/espalhamento’ perturba o meio ambiente e os sujeitos. Nessa direção, entendemos que os rios podem sofrer ‘desvios’ ou transposição como ocorreu com Rio São Francisco⁵, atendendo a interesses políticos, talvez sociais, sinalizando que esse ‘desvio’ não é aleatório e sem efeitos. Portanto, tendo em conta as transformações que ressoam por ‘curso’ e por ‘-DIS-’ na formação de (dis)curso, investimos na relação metafórica entre rio (curso) e o

3 Verli Petri pergunta a razão de dizermos Museus em (dis)curso. Inicialmente, esse dizer devia-se a Orlandi (1999), quando esta se refere a curso/percurso e diz que o discurso significa como o homem falando e mais precisamente a efeito de sentidos entre interlocutores - sujeitos que Pêcheux (2019) designa de A e B.

4 A metáfora é um deslocamento de sentidos pela transferência, “um fenômeno semântico fabricado por uma substituição contextual, produzindo um deslizamento de sentido” (AZEVEDO, 2014, p. 234), constituindo um efeito que é operado na discursividade.

5 A transposição do Rio São Francisco significa a retirada de água do rio, que está com excesso e passando para outro rio, com menos água e traz danos incalculáveis para o meio ambiente. Iniciou há mais de quinze anos e ainda não está concluído, segundo matéria do site <https://g1.globo.com/natureza/desafio-natureza/noticia/2019/12/21/com-mais-de-90percent-da-transposicao-concluida-impactos-ambientais-no-rio-sao-francisco-ainda-sao-incertos.ghtml>.

DIS- com vistas a sinalizar os deslocamentos e efeitos de sentidos de perturbação que ocorrem em museus e memoriais e no conhecimento que esses espaços produzem.

A presentificação do prefixo – DIS – e a aproximação com a metáfora do rio em curso e, segundo Cabral de Mello Neto (1994), ‘sem discurso’, desfaz os efeitos de evidência de museus e memoriais como ‘lugares’ em que ‘objetos, nomes da história e acontecimentos aparecem como já-dados e significados. Assim, dizer museus e memoriais em (dis)curso e pensar nos rios e na quebra das águas aproxima-se do funcionamento do -DIS – como perturbação, movimento, sinalizando que uma tomada de posição, nesse direcionamento, conduz à desconstrução da suposta naturalização desses espaços, como um discurso constituído por uma escrita fechada, interdita, que apaga as discursividades e os deslocamentos da língua em movimento. Assim, museus e memoriais em (dis)curso perturbam os sentidos, deslocam, invertem, trapaceiam a língua. Com essa prática colocamos em suspenso museus e memoriais discursivizados por palavras que permanecem na classificação, nos enunciados, e se pautam na ciência, pela qual o saber é “dado como o produto de uma ausência do enunciador” (BARTHES, 2004, p. 20).

Nesse sentido, os museus e os memoriais em (dis)curso se dão pela enunciação, que “expondo o lugar e a energia do sujeito, quiçá sua falta (que não é sua ausência), visa ao próprio real da linguagem” (BARTHES, 2004, p. 20). No (dis)curso *sobre* museus e memoriais, a língua não é fechada, ao contrário, ela se materializa pela relação entre o ideológico e o linguístico, tendo em vista que o discurso “representa no interior da língua os efeitos das contradições ideológicas e manifesta a existência da materialidade linguística no interior da ideologia” (ORLANDI, 2002, p. 22). Pela língua em movimento, perturbando os saberes decorrentes de práticas faz ‘ouvir’ os sujeitos, instaurando a transformação.

Desse modo, sublinhamos que acontecimentos, nomes, objetos constituídos por memórias e pré-construídos quando textualizados circulam como (dis)curso e significam para ALÉM da história e do patrimônio, possibilitando que se discuta e se coloque em suspenso os efeitos de saturação e de fechamento. O acontecimento, o nome ou os objetos já textualizados e já significados, são efeito, segundo Barbosa Filho (2006, p. 29), “de uma montagem que inscreve, seja no discurso historiográfico, seja nas políticas de inventário, um efeito de linearidade, um efeito de sequência que não é da ordem do real da história, mas um efeito Imaginário, um efeito de arquivo”.

Entendemos que mesmo no discurso historiográfico, os sentidos não são estanques, e que a realidade e a objetividade são construções pautadas em documentos, mas interpretados por sujeitos, sinalizando que a memória, a história constitui-se por arquivos e este reclamam as práticas que ocorrem na formação social. A sustentação para dizer que o discurso museológico está além da história e do patrimônio vem das noções corpo-memória e corpo-documento. Fazemos esta distinção para compreender como materialidades significantes constituídas por nomes, datas, espaços e acontecimentos adquirem forma material por meio de memórias que ressoam por arquivos que se movimentam em diferentes direções e dependem de sujeitos, de suas filiações ideológicas e dos atravessamentos ideológicos e do inconsciente que as diferencia e ao mesmo tempo as aproximam. Com vistas a dar visibilidade ao funcionamento dessas duas noções e a destacar como a partir delas os museus em (dis) cursos estão além da história e do patrimônio tomamos Inês de Castro na Quinta das Lágrimas (Coimbra) e os túmulos que estão no mosteiro de Alcobaça, sinalizando que os monumentos que estão na Quinta das Lágrimas (Coimbra-PT) e em Alcobaça-PT, constituem efeito por meio de um argumento que não só histórico, mas atravessado por outros domínios do conhecimento, como as artes (literatura, artes plásticas) e a história (Cf. VENTURINI, 2017, 2017a).

Nessa mesma direção, dizemos que o arquivo em museus e em espaços memoriais se constitui pelo efeito imaginário de organização e de saturação assenta-se em uma historicidade que decorre de narratividades, nas palavras de Orlandi (2012, p. 106)

[...] como a maneira pela qual uma memória se diz em processos identitários, apoiados em modos de individuação do sujeito, afirmando/vinculando (seu pertencimento'), sua existência a espaços de interpretação determinados, consoante a específicas práticas discursivas.

A narratividade em (dis)curso constitui-se de sentidos sociais e históricos que afetam e são afetados pelo que está no museu, como lugar, que entendemos e designamos a partir de Nora (1984) 'de lugar de memória'. Sinalizamos, então que em (dis)curso o museu transcende/escapa ao que está 'guardado/armazenado/arquivado e instaura efeitos de sentidos demandados pela formação social e pelos sujeitos - corpo da formação social, enquanto cidade - estando, conforme Orlandi (2004a) atados/enlaçados a esse corpo, formando uma ilusória unicidade. Para

dizer, portanto, que o espaço museológico está ALÉM da história e do patrimônio social/histórico, arriscamo-nos a afirmar que os sentidos e as possibilidades de leitura dos museus estruturam-se, de um lado, por uma memória constituída por evidências de saturação, como acontecimento textualizado (BARBOSA FILHO, 2016) e, de outro, por (dis)curso, como materialidades que se abrem à interpretação a partir de sujeitos, dentro de formações sujeitos.

2. MUSEU PARA ALÉM DA HISTÓRIA E DO ARQUIVO HISTÓRICO-SOCIAL

Nessa perspectiva, o arquivo e a sua organização é constitutivo e constituidor dos museus, e dos memoriais, sendo impossível prescindir dos critérios da organização dos acervos e da reserva técnica, pautada em memórias, em lugares e em sentidos do patrimônio. Os arquivos consideram todas essas peculiaridades de museus como ‘guardadores’ de memórias, como lugares dessas memórias.

Esses espaços de memória, como reiteramos, nesse texto, constituem-se de acontecimentos que vêm da história e fazem sentido na formação social. No entanto, à medida em que há o investimento do próprio museu, no modo de narrar-se, para dizer quais são os seus objetivos e o que determina a ‘construção’ e a visibilidade das memórias que os constituem ocorre o que ficam ‘além’, instaurando diferenças. Desse modo, os sentidos passam para além da história e do patrimônio, trazendo também as práticas e a organização museológica que não prescindem da história e não se atêm a nomes. Rancière (1994, p. 12) traz para dentro do fazer histórico a rotina, a vida, lançando essa rotina na invenção, fazendo com que o que está no Museu seja um ‘a mais’.

Em conformidade com Rancière (1994), afirmamos que “o historiador, inscrito nessa nova visão de história, não a escreve a partir de nomes, mas de acontecimentos anônimos, por um fio que se liga ao passado e se reinscreve no presente pelo efeito de verdade e, com o futuro, pelo devir” (VENTURINI, 2021, p. 172). Ressoa, desse modo, o horizonte de expectativas (KOSSELECK, 2006) a partir do qual os historiadores escrevem a história e os sujeitos da formação social significam museus e memoriais. O passado, conforme Le Goff (1993), se constitui pelo efeito de estagnação, mas o presente como atualidade, ressignifica o acontecimento e a memória social e histórica.

Essas noções contribuem para a compreensão da história que se realiza como uma versão, segundo Veyne (2008, p. 25), e esse

funcionamento dá visibilidade à organização, à valoração e à importância dos acontecimentos, que textualizados constituem-se em (dis)curso, demandando destacar a reorganização dos acontecimentos, o trabalho da atualidade, já que o passado – matéria prima dos museus históricos – é importante para os espaços museológicos e é fundamental no eixo da formulação. Veyne (2008, p. 25) conclui em termos do discurso da história, dizendo que:

[...] dado que não podemos fazer dizer à história mais do que dizem os documentos, apenas nos resta escrevê-la como sempre se escreveu: com as desigualdades do tempo que são proporcionais à desigual conservação dos vestígios do passado: abreviando, para o conhecimento histórico, é suficiente que um acontecimento tenha tido lugar para que seja bom sabê-lo. (VEYNE, 2008, p. 25)

É assim que a história pode ser vista como lacunar e escrita a partir do tempo do historiador, organizando o tempo e o porvir desde o horizonte de expectativas e dos movimentos de sentidos, que pode abarcar um século em dez páginas, e um dia, igualmente em dez páginas. A importância dos acontecimentos deve-se ao destaque e lugar dado pelo historiador, na escrita da história. A Análise de Discurso trabalha com a língua na história, pela historicidade que recobre os dados e a não-separação entre “objeto/sujeito, exterioridade/anterioridade, concreto/abstrato, origem/filiação, produção/evolução” (ORLANDI, 2004, p. 36). Dentro desses pressupostos, refletimos acerca dos fatos de linguagem, de sua materialidade no aspecto linguístico e histórico em museus e memoriais, que existem a partir da concretude do corpo e da dualidade que o constitui.

O museu está além, também do patrimônio, considerando-se, o que temos defendido “o patrimônio representa a estabilidade de um objeto que guarda em “si” os vestígios de um passado e faz trabalhar o imaginário da formação social” (VENTURINI, 2009, p. 212). Desse modo, o que é guardado em museus e memoriais transforma-se, segundo Catroga (2001), em história, não em memória. De acordo com o historiador, a primeira congela; a segunda movimenta, atualiza, mas não se deixa aprisionar, fazendo entrar em relação à cultura, à fronteira e ao conhecimento e, com eles, a rememoração/comemoração, sinalizando o não-gerenciamento da memória.

Pêcheux (2002) sublinha que esses domínios convocam e fazem trabalhar discursivamente a língua na história, instaurando efeitos de sentidos. O discurso constituído pela língua como lugar material da ideologia adquire funcionamento material a partir de sujeitos interpelados pela ideologia e atravessados pelo inconsciente. O museu em (dis)curso se constitui pelas atualidades, pelas pesquisas e pelas ações que vão “atualizando” os dizeres e movimentando os sentidos do museu. O Museu do Holocausto, de Curitiba, coordenado por Carlos Reiss, realiza atividades que movimentam os sentidos e os seus objetivos são publicizados, jogando luz sobre a memória do Holocausto e objetiva “transmitir o Holocausto às próximas gerações” a partir de três eixos: memória, educação, pesquisa. Isso significa não tratar o museu como um lugar que ‘guarda’ memórias, mas como um lugar de pesquisa e que pela educação busca lançar uma “luz sobre o caos”, a parte de uma concepção teórica consciente e embasada que constrói a memória da Shoá. Reiss (2018, p. 15) destaca a necessidade de “compreender o caminho percorrido pela memória da Shoá”, visualizando como o genocídio será lembrado pelas gerações futuras.

Essa visualização, de acordo com o autor, vai permitir ajustar essa memória fazendo correções de rota necessárias para que a memória do Holocausto seja construída de forma mais consciente e justa possível para com todos os descendentes, sobreviventes e comunidades de seres humanos. Os idealizadores do projeto veem a necessidade de que a memória da Shoá seja mais racional e menos instintiva e faça justiça ao legado deixado pelos descendentes. Além disso, os museus relacionam-se com o seu entorno, com as instituições que sustentam e legitimam o seu funcionamento.

EFEITOS DE FECHAMENTO...

Tendo em vista a nossa filiação teórica, segmentamos/dividimos a palavra *discurso*, que é o objeto da Análise de Discurso, em ‘DIS’ e em ‘CURSO’. Destacamos que essa segmentação/divisão não é aleatória, nem casual. Trata-se de presentificar Pêcheux, desde 1969 e o seu percurso, que continua a se fazer, ressoando, nesse modo de entrar em nosso objeto de análise, Orlandi (1999) em texto que se diz introdutório à Análise de Discurso, como o campo disciplinar que se interessa pela gramática, pela língua, mas principalmente, pelo homem falando. Assim, destacamos que o DIS refere ao movimento por ‘entre’, e o ‘curso’ presentifica o percorrer, o movimento. Sublinhamos, então que

o discurso não significa em si e por si de forma estanque, tendo em vista que está sempre a se fazer, constituindo-se em relação a, abrindo-se para o mesmo e também para o diferente. Museus, memoriais e patrimônio quando tomados como objetos discursivos da maior importância não saturam os sentidos, pelo contrário, eles perturbam, questionam, de modo que os já-ditos e significados fiquem em suspenso, abertos à interpretação.

Ressoa pela palavra *curso* o que vai para além do acontecimento e do documento e na história, instaura a historicidade, e no discurso, a discursividade. Na esteira de Pêcheux (1997), Orlandi (1999) e demais analistas de discurso, afirmamos um posicionamento acerca do museu como sendo uma discursividade instituída para além da história e do patrimônio e, ao mesmo tempo, manifestamos a impossibilidade de fechamento dos sentidos. Nesse funcionamento, dizemos que no museu como espaço/lugar não-positivo, habitam memórias inscritas na história, disciplina de interpretação, fazendo-se em (dis)curso constituídos por efeitos de gerenciamento desses espaços, instaurando efeitos de fechamento dos sentidos.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Aline Fernandes de. Sentidos do corpo: metáfora e interdiscurso. **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, Tubarão, SC, v. 14, n. 2, p. 321-335, maio/ago. 2014.
- BARBOSA FILHO, Fábio. **Língua, arquivo, acontecimento**: trabalho de rua e revolta negra na Salvador oitocentista. Tese de doutorado, orientada por Lauro Baldini. Campinas, SP: [s.n.], 2016.
- BARTHES, Roland. Aula. **Aula**. Aula Inaugural da Cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França, pronunciado dia 7 de janeiro de 1977. Trad. Leyla Perrone-Moyses. São Paulo: Cultrix, 2004.
- CATROGA, Fernando. **Memória, história e historiografia**. Coimbra: Quarteto, 2001.
- CATROGA, Fernando. **Os passos do homem como restolho do Tempo**. Memória e fim do fim da História. Coimbra: Edições Almedina, 2009.
- COURTINE, Jean Jacques. O chapéu de Clémentis. Observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. In INDURSKI, F.; FERREIRA, M.C.L. **Os múltiplos Territórios da Análise de Discurso**. Porto Alegre/RS: Editora Sagra Luzzatto, 1999, pp. 15-22.
- DE CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. Trad. de Maria de Lourdes Menezes. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

Dicionário Priberan, (<https://dicionario.priberam.org/dis->), acesso em 25 de março 2022.

HENRY, Paul. A História não existe? In: Orlandi, E. (Org.) **Gestos de leitura**: da História no Discurso. 2ª. Ed. Campinas/SP. Editora da Unicamp, 1997, pp 29-52.

KOSELLECK, Reinhart. “Espaço de experiência e horizonte de expectativas”. In.: **Futuro Passado** – contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006. pp. 311-337.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: UNICAMP, 2006.

MELO NETO, João Cabral de. **Obra completa**: volume único. Org. Marly de Oliveira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 350-351.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes Editores, 1999.

ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 5ª. Ed. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2002.

ORLANDI, Eni. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Campinas, SP: Pontes Editores, 2004.

ORLANDI, Eni. **Discurso em Análise**: sujeito, sentido, ideologia. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica afirmação do óbvio. Tradução de Eni Orlandi et al. 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (AAD-1969). In: GADET Françoise; HAK, Tony (Org.). **Por uma Análise Automática do Discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. De Eni P. Orlandi. Campinas: Unicamp, 1997a. p. 59-158.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, P. (Org.) **Papel da memória**. Tradução e introdução de Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes Editores, 1999, p. 49-51.

RANCIÈRE, Jacques. **Os nomes da história**: um ensaio da poética do saber. Trad. Eduardo Guimarães e Eni Orlandi. São Paulo: Educ/Pontes, 1994.

VALE, Rosana Siqueira de Carvalho do. O processo de derivação prefixal do Português: um estudo semântico-histórico do formante Dis- e da variante DI. São Paulo: **tese de doutorado**, defendida na Universidade de São Paulo (USP, 2020). Disponível em https://teses.usp.br/index.php?option=com_jumi&fileid=38&Itemid=183&id=17A9A549B7D1.

REISS, Carlos. **Luz sobre o caos**: educação, memória do Holocausto. Rio de Janeiro: Imprimatur, 2018.

VENTURINI, Maria Cleci. **Imaginário urbano**: espaço de rememoração/comemoração. Passo Fundo/RS: Editora da UPF, 2009.

VENTURINI, Maria Cleci. História e memória em (dis)curso: Fernando Catroga e a poética da ausência. **Revista Interfaces**, vol. 08, edição especial. Guarapuava/PR: editora da UNICENTRO, 2017a, p. 127-145.

VENTURINI, Maria Cleci. A história e as polêmicas no/do político. In; PETRI, Verli; GUASSO, Kelly, COSTA, THAÍS; Freitas, Francine (Orgs). **Dicionários em análise: palavra, língua, discurso**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020, pp. 15-35.

VEYNE. Paul. **Como se escreve a história**. Trad. António José da Silva Moreira. Coimbra/PT: Edições 70 – Ed. Ver. (Lugar da História 20), 2008.

RECEBIDO EM: 27/12/2022

ACEITE EM: 28/12/2022